



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA

PRESIDÊNCIA

DA REPÚBLICA

Brasília, 30 de novembro de 1962.

*No Palácio da Alvorada, ao ensejo
de almôço oferecido aos líderes da
indústria nacional.*

Constitui para mim motivo de grande alegria êste encontro com os homens que representam a nossa indústria nos diversos Estados da Federação. Encontros como êste, em que o Presidente da República possa dialogar franca e lealmente com autênticos representantes das forças vivas do nosso desenvolvimento, desejo tornar freqüentes, para que o Poder Executivo se mantenha em sintonia com os fatores básicos do nosso desenvolvimento econômico, entre os quais ocupa posição de relêvo a indústria brasileira.

Seria, creio eu, de enorme interêsse para o País, que estas reuniões pudessem repetir-se constantemente, não apenas com a indústria, mas também com o comércio, com as forças do trabalho, enfim, com todos os elementos determinantes do progresso nacional.

Encontro-me, hoje, com a indústria brasileira, no momento em que o País vive, realmente, horas de dificuldades e de apreensões: dificuldades pintadas por alguns com côres pessimistas, realistas por outros, e otimistas por aquêles que confiam mais no seu país e na sua capacidade de produção e de trabalho.

Sinto-me perfeitamente consciente das graves responsabilidades que pesam sôbre os nossos ombros, nesta encruzilhada difícil a que chegou o País. E, por isso, quero afirmar aos meus amigos da indústria que não nos faltarão ânimo, coragem e patriotismo, para enfrentar as dificuldades, especialmente quando sentimos — como há pouco tive oportunidade de constatar através das palavras do eminente presidente da Confederação Nacional da Indústria — que não nos faltará a colaboração da indústria, de tôdas as forças vivas

do País, para, juntos, enfrentarmos essas dificuldades e caminharmos para soluções que melhor atendam aos interesses do nosso povo.

Estou absolutamente consciente das nossas dificuldades atuais, quer no que se refere à situação externa, isto é, o nosso balanço de pagamentos, quer no que diz respeito às dificuldades internas, que se traduzem, refletindo diversas causas, no violento processo inflacionário a que estamos submetidos.

Neste rápido encontro, nesta conversa franca que desejo manter com os dirigentes de nossa indústria, não pretendo, evidentemente, fazer uma análise aprofundada das causas que geraram este estado de coisas. Quero afirmar, entretanto, que o Governo está vigilante e que me acho profundamente preocupado com a situação nacional, preocupado e convencido de que só com muito trabalho, muita colaboração entre Governo e classes produtoras, só com muita compreensão e apoio do povo, poderemos e certamente haveremos de superar as dificuldades.

Não me atemoriza a responsabilidade que tenho sobre os ombros, se o povo, em 6 de janeiro, como esperamos, confiar ao Presidente a responsabilidade da administração do País. Nunca, em toda a minha vida, me atemorizei diante de dificuldades e tenho a certeza de que, reunindo esforços, venceremos a crise que hoje tanto preocupa todas as camadas sociais da Nação.

Não temos mais o direito de errar em coisas fundamentais, das quais dependem os destinos do Brasil como nação soberana, e muito menos nos cabe o direito de persistir em erros que nos arrastaram à atual situação. Não é minha intenção discuti-los agora. Desejo, sim, falar nas providências que estamos tomando e nas que deverão ser tomadas para conjurarmos a crise que está minando o organismo econômico do País.

Estamos atualmente acelerando os trabalhos de planejamento da ação do Governo nos próximos três anos. Vamos começar nossa tarefa por onde sempre se deveria começar qualquer obra, qualquer empreendimento do Governo. Examinaremos, em primeiro plano, o que vamos fazer e as disponibilidades com que contamos para levar a cabo nosso trabalho. Estamos empenhados em um exame profundo da situação nacional, radiografando o conjunto dos nossos problemas e dificuldades. Chega de remédios minis-

trados a título experimental e improvisados para cada emergência que, sob as mais variadas formas de pressão, se coloca perante os governantes.

A tarefa de planejamento está adiantada e dentro de alguns dias já poderei submetê-la ao exame do povo brasileiro. Com idealismo e ardor, equipes de técnicos estão trabalhando nesse sentido. Muitas das medidas que estão sendo tomadas ou pleiteadas já se enquadram dentro das linhas básicas de um programa trienal de govêrno. Outras, infelizmente, e não desejo iludir meus convidados, ainda estão sendo determinadas pelas pressões que o Govêrno sofre neste ou naquele setor. Mas quero dizer, e não me falta autoridade para fazê-lo, que precisamos libertar-nos, no menor prazo possível, dêste velho e mau costume de adotar providências ao sabor das pressões momentâneas dos interesses de grupo. Venham de onde vierem, estas são quase sempre prejudiciais ao País, pois, pela falta de uma ação planejada, freqüentemente se contradizem.

Um govêrno com planos exeqüíveis, que conte com o apoio necessário para concretizá-los, não pode agir desordenadamente, hoje adotando medidas ou praticando atos que amanhã venham a criar novas dificuldades ao País, ou agravar as muitas já existentes. Infelizmente, devemos reconhecer que temos agido em muitos problemas de vital importância para o País sem a orientação, necessária e indispensável, de um plano geral de govêrno.

Não quero criticar ninguém, êste também não é meu objetivo nem pode constituir programa para quem realmente pensa, apenas e acima de tudo, nos altos interesses do País. A crítica sistemática pode constituir programa de oposição, ou de certa oposição, mas nunca objetivo de quem sente, como sentimos, nossas dificuldades, de quem deseja superá-las com o apoio de todos, de quem quer somar e não dividir as forças vivas da Nação.

É realmente o que espero realizar, e tenho a certeza de que para tanto contarei sempre com a colaboração dos senhores: somar esforços dos que, com patriotismo e compreensão, estão dispostos a trabalhar fielmente pela grandeza dêste país.

Para tanto, vamos planejar nossa ação em um programa de trabalho para três anos. Planejar para realizar será o nosso lema. Os senhores serão novamente convocados para debatermos êsse

programa de trabalho. Pretendo submetê-lo também ao debate popular, através das organizações mais representativas das diversas classes. O povo, que é o grande juiz, o grande interessado e também o maior sacrificado, precisa opinar, porque êle é que deve constituir a nossa maior fonte de inspiração. Sem o povo, sem sua compreensão, sem sua colaboração, as mais belas idéias de ação governamental de nada valem, porque terminam no papel.

Quero, porém, afirmar desde logo que o Brasil não deterá a marcha do seu desenvolvimento. Com a minha responsabilidade, jamais permitirei a estagnação do Brasil, impondo ao país fórmulas inaceitáveis de combate à inflação, que podem ser muito boas em países de estrutura econômica mais adiantada. Não podemos aplicar o velho e superado recurso de reduzir drásticamente nossas despesas destinadas às obras indispensáveis ao desenvolvimento e à manutenção do mercado de trabalho. Vamos refrear o processo inflacionário sem sacrificar o desenvolvimento do País.

A estagnação de nossa economia nos arrastaria à ruína, à miséria e ao desespero, lançaria o País na anarquia e provocaria subversões, já anunciadas por alguns mais pessimistas ou mais acovardados diante de nossas grandes dificuldades.

Como progredir sem maiores emissões e refreando a inflação? Esta pergunta, por certo, é a de todos os brasileiros. Acredito firmemente que devemos, como país livre e soberano, apoiar-nos sempre e cada vez mais em nós mesmos. Já possuímos condições próprias de desenvolvimento. Já contamos com um mercado interno capaz de impulsionar nosso progresso. Já temos uma indústria nacional com índice de produção razoável e que devemos tornar dia a dia mais eficiente. Nossos técnicos e nossos operários podem ser equiparados aos melhores do mundo. Por que, então, duvidarmos de nós mesmos e de nossas possibilidades? Devemos buscar grande parte dos recursos aqui mesmo, dentro do País, no nosso mercado de capital, que já é considerável. Vamos, como Govêrno, convocar nossa indústria, nosso comércio, tôdas as nossas fôrças vivas, para que ajudem a vencer as dificuldades que hoje preocupam a Nação.

A compreensão e o apoio da classe operária são fundamentais para a realização de nossos planos. Estou certo de que as conseguiremos para levar a bom têrmo um programa sério e objetivo de

recuperação nacional. Tenho a certeza de que o povo brasileiro não nos faltará com o seu patriotismo nesta encruzilhada decisiva para nossos destinos.

Possuímos tôdas as condições objetivas para reduzir consideravelmente o *deficit* orçamentário do País. Além dos meios que serão proporcionados pela lei Calmon, recentemente aprovada pelo Congresso, e dos depósitos compulsórios à ordem da SUMOC, poderemos valer-nos de empréstimos internos e da colocação de títulos, que tanto poderá ser compulsória como através da colaboração dos senhores mesmos, representantes da produção, e do próprio povo, se nos mostrarmos dignos de sua confiança. Assim, chegaríamos, no próximo ano, a uma razoável diminuição nas emissões e na taxa inflacionária. Espero, com o apoio, que é fundamental, das fôrças da produção e do povo brasileiro, reduzir a taxa de inflação de 48% para 30%, no fim de 1963.

Todos reconhecem que possuímos uma estrutura administrativa anacrônica em relação ao desenvolvimento do País. No que diz respeito à arrecadação, o Estado não dispõe de instrumentos adequados à melhoria de sua receita. Sem necessidade de aumentar impostos, mas apenas ampliando a área da arrecadação, poderemos reduzir de muito o *deficit* orçamentário. Devemos, rapidamente, aperfeiçoar a máquina arrecadadora, mobilizando pessoal técnico e modernizando o equipamento dos órgãos fazendários. Só assim poderemos tornar menos injusta a incidência dos tributos, porque, cada vez que se aumenta a tributação, o ônus recai especialmente sobre o contribuinte honesto. Ao relapso, ao que já se habituou a lesar o País, pouco importa o aumento, porque êle continua a não pagar. Há, ainda, os retardatários, que se valem da demora de pagamento através da via judicial e assim tiram proveito da desvalorização da moeda, em detrimento da Nação. Some-se a isso o volume dos processos na órbita administrativa, nos Conselhos de Contribuintes, e chegaremos a cifras elevadíssimas no tocante aos sonegadores que furtam a Nação, e aos que retardam, conscientemente, a entrada de recursos para o Erário.

Além de uma reforma administrativa realista e arrojada, que advogo para enfrentar a grave crise nacional, irei pessoalmente, se necessário fôr, pedir a ajuda direta do povo, pleiteando a concor-

dância expressa dos trabalhadores para um trabalho permanente de colaboração com o Governo e o País. A classe operária interessa um programa corajoso e objetivo de contenção da inflação e de estabilização de nossa moeda. De nada lhe adiantam salários nominais que vão sendo permanentemente tragados pela voragem inflacionária.

Da indústria e do comércio poderíamos, dentro de um plano patriótico de recuperação nacional, também conseguir uma valiosa colaboração direta, na aquisição de títulos de recuperação, ou indireta, através de outras medidas de grande alcance social e econômico para o Brasil, como seja a emancipação econômica definitiva do Nordeste.

Se a indústria brasileira, dentro de um plano de colaboração com o Governo e com o povo, resolvesse aplicar parte de seus lucros no Nordeste do País, em indústrias e outros empreendimentos que seriam evidentemente objeto de rigoroso estudo, dentro de poucos anos teríamos modificado a fisionomia daquela área com uma população de 25 milhões de brasileiros que hoje vivem em condições de extrema penúria.

Com parte dos lucros de nossas empresas aplicados naquela região, em relativamente pouco tempo teríamos o Nordeste econômica e socialmente fortalecido. E o Orçamento da República, em consequência, seria largamente aliviado dos investimentos que constantemente necessita fazer naquela importante área do País.

Os nossos homens de empresa, através de um esforço patriótico, fariam naquela região uma verdadeira aliança para o desenvolvimento, prestando um serviço inestimável à causa da paz social e da emancipação econômica do Brasil. Acredito que isso possa ser feito sem prejuízo de suas atividades normais em outros pontos do território nacional.

O Governo está pronto a proporcionar todo o apoio necessário para uma ação dessa natureza. Pessoalmente, estou desejoso de colaborar para que o mais cedo possível possamos lançar-nos a tão patriótica iniciativa. Se necessário, irei de indústria a indústria, de empresa a empresa, solicitar essa colaboração em nome dos mais altos interesses da Nação, em nome da paz social, em nome dos direitos do povo brasileiro.

Ao lado dêste plano global, é evidente que precisamos desenvolver um programa realista de assistência às nossas populações nos setores médico, hospitalar, educacional e da construção de moradias. Julgo oportuno, também, emprendermos uma revisão de nosso sistema de previdência social, para atualizá-lo e para que melhor possa corresponder às necessidades de nossas populações.

Enfim, aí está, senhores industriais, um vasto campo de colaboração e entendimento, onde todos os brasileiros, ricos e pobres, podem encontrar-se e apertar as mãos, numa grande e patriótica obra de recuperação nacional. Não vejo outro caminho para que possamos progredir em clima de tranqüilidade política e social.

O industrial, em razão de sua própria atividade, sabe que para sobreviver é preciso, antes de tudo, progredir. A mentalidade industrial é, por isso, progressista.

Conhece o industrial, não por ouvir dizer ou por conclusões de ordem técnica, mas sim porque é constantemente chamado a resolver problemas de sua organização, todos os aspectos humanos e sociais da produção e do trabalho. A indústria é a locomotiva do progresso.

Cabe assim, à indústria brasileira, como força propulsora do desenvolvimento do País, um pôsto de honra, um pôsto de vanguarda, neste movimento de salvação nacional, pela conquista de novas etapas de nosso progresso.

Nenhum programa de desenvolvimento pode ser levado a efeito, se não contar com a colaboração efetiva de nossa indústria. Mas, podem os senhores industriais, representantes de todos os Estados, presentes a êste almôço, levar a certeza de que o Govêrno Federal só tem um desejo: o de acertar o passo com a colaboração das forças vivas do País e, especialmente, da indústria brasileira.

Nenhum plano da indústria deixará de merecer a atenção e o respeito do Govêrno Federal. E, por outro lado, os que estão sendo elaborados e discutidos na órbita governamental, relacionados com o desenvolvimento, serão submetidos à Confederação Nacional da Indústria e, também, ao comércio, às forças do trabalho, ao povo, enfim, pois qualquer programa que não traga a marca do apoio popular, corre o risco de ficar, apenas, no papel.

Agradeço aos senhores industriais pela sua presença neste encontro. Daqui por diante, principalmente a partir do próximo ano, convocarei com frequência a indústria nacional, os seus representantes e dirigentes, para debatermos, sempre em clima da maior sinceridade e da maior lealdade, todos os problemas que preocupam o Governo, porque são os mesmos que preocupam a indústria brasileira. Agradeço, igualmente, as palavras do presidente da Confederação Nacional da Indústria.

E concluindo, quero dizer que ouvi com satisfação a afirmativa de que o Governo pode contar com a colaboração da indústria. Cabe-me responder que a indústria brasileira contará sempre com o apoio e a colaboração do Governo Federal.